



HORROR NO ORIENTE MÉDIO



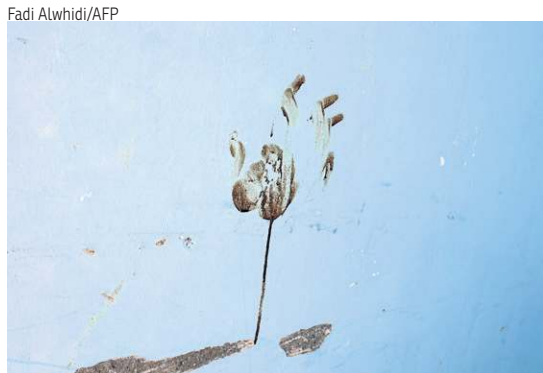
Cratera aberta por bomba em Jabalia: Exército afirma que no local existia um centro de comando do Hamas



Moradores do campo de Nuseirat retiram corpo de bebê sob os escombros: 3.250 crianças morreram



Blindado se desloca ao longo da fronteira com Gaza, no sul do território israelense: combates intensos



Marca de mão com sangue em parede de casa invadida pelo Hamas, no kibbutz de Nir Orz, em 7 de outubro

Massacre em campo de refugiados

ISRAEL ATACA JABALIA, NO NORTE DA FAIXA DE GAZA, ELIMINA COMANDANTE DO HAMAS E MATA 50 PESSOAS. NO IÊMEN, REBELDES DISPARAM MÍSSEIS E ENTRAM NA GUERRA

» RODRIGO CRAVEIRO

Dois crateras abertas no campo de refugiados de Jabalia, pelo menos 50 mortos e cerca de 150 feridos. As Forças de Defesa de Israel (IDF) bombardearam uma das regiões mais densamente povoadas do planeta, onde 49 mil palestinos se amontoam em uma área de apenas 1,4km². “Aviões de guerra, guiados pela inteligência do Shin Bet (serviço de segurança israelense), mataram Ibrahim Biari comandante do batalhão central Jabalia da organização terrorista Hamas. Ele foi um dos líderes do ataque terrorista assassino de 7 de outubro”, anunciaram as IDF, por meio da rede social X. O Exército israelense assegura que operou em uma “fortaleza usada para o treinamento e a execução de atividades terroristas”.

A guerra contra o Hamas abriu uma terceira frente de batalha. Depois de lançamentos de foguetes da milícia xiita libanesa Hezbollah, na fronteira norte israelense, e em meio aos combates na Faixa de Gaza, rebeldes huthis baseados no Iêmen dispararam mísseis contra o balneário de Eilat, às margens do Mar Vermelho, no extremo sul de Israel. Os artefatos foram interceptados pela defesa antiaérea.

No norte de Gaza, enquanto soldados da Shaldag (tropa de elite da Força Aérea de Israel) e da unidade tática 669 avançavam pelo território, dois militares israelenses foram mortos durante combates com o Hamas: os sargentos Roei Wolf, 20 anos, e Lavi Lipshitz, de mesma idade. São as primeiras baixas de Israel no campo de batalha.

Feridos

Em 25 dias de guerra, mais de 8.530 palestinos morreram em Gaza, segundo o Ministério da Saúde controlado pelo Hamas. Do lado

israelense, foram 1.402 mortos — 1.400 nos atentados de 7 de outubro e dois soldados, nos combates de ontem. Em um desdobramento importante, as autoridades egípcias se preparam para receber feridos palestinos no sul de Gaza. “Equipes médicas estarão presentes amanhã (hoje) na passagem (de Rafah) para examinar os casos precedentes (de Gaza) desde sua chegada (...) e determinar os hospitais para onde serão enviados”, disse à agência de notícias France Presse um encarregado médico da cidade egípcia de Al Arish.

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, classificou como “completamente inadequada” a ajuda humanitária que tem entrado no enclave palestino de 2,4 milhões de habitantes. “Eu reiterei meu apelo pelo cessar-fogo humanitário imediato e pela concessão de acesso desimpedido, de forma consistente, segura e em grande escala”, escreveu na rede social X.

Em novo vídeo divulgado pelas Brigadas Ezzedin Al Qassam, Abu Obeida, porta-voz do braço armado do Hamas, avisou que a Faixa de Gaza se tornará um “cemitério” para o Exército israelense e prometeu impor ao premiê Benjamin Netanyahu uma derrota que “colocará fim à sua carreira política”. “Gaza será um cemitério e um atoleiro para o inimigo, seus soldados e sua direção política e militar”, avisou. Ao mesmo tempo, Obeida anunciou que o Hamas libertará “nos próximos dias” alguns dos reféns estrangeiros, entre os 239 sequestrados pelos extremistas, em 7 de outubro.

Ali Barakeh, chefe do Departamento de Relações Nacionais do Hamas, acusou Netanyahu de fugir da responsabilidade de libertar os reféns israelenses, ao adiar a conclusão de uma troca por prisioneiros palestinos. “Ele está em busca de uma vitória na ofensiva terrestre,

Mahmud Hams/AFP



Palestinos oram diante dos corpos de familiares mortos nos ataques aéreos à cidade de Deir Al-Balah (centro)

mas fracassou até agora. Dizemolhe que a opção militar não trará segurança e liberdade aos prisioneiros, mas poderá até levar ao assassinato de prisioneiros devido a ataques aéreos direcionados. Tudo na Faixa de Gaza”, advertiu, em entrevista ao **Correio**. “Nós queremos esvaziar as prisões israelenses e liberar todos os prisioneiros palestinos, em troca de todos os prisioneiros (reféns) israelenses e estrangeiros em Gaza.”

“Solidariedade”

Também por meio de vídeo, Yahya Sari’a, porta-voz dos rebeldes huthis, no Iêmen, admitiu que suas forças armadas

“lançaram uma barragem de mísseis balísticos e de cruzeiro, e vários drones, sobre muitas posições israelenses nos territórios ocupados”. “Essa operação é a terceira do tipo, em solidariedade com nossos irmãos da Palestina. Nós garantimos a continuação dessas operações, até que a agressão israelense pare.”

Especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, o iemenita Asher Orkaby explicou ao **Correio** que os huthis estão mais interessados na política de seu país do que em atacar Israel. “O discurso de Sari’a é um esforço de relações públicas voltado para uma parcela da

população vocalmente contrária a Israel. Os huthis anunciaram, publicamente ao mundo, que são oficialmente uma milícia iraniana, nos moldes do Hezbollah e do Hamas”, disse.

Orkaby acrescentou que a maior ameaça ao Estado israelense e ao Oriente Médio está na habilidade dos huthis de alvejarem navios a partir do Estreito de Bab al-Mandab, que separa a Ásia e a África. “Representantes iranianos em toda a região — a Síria, do presidente Bashar Al-Assad; o Hezbollah; o Hama; os huthis e as milícias xiitas no Iraque — foram armados e apoiados com o único propósito de desestabilizar Estados”, advertiu o estudioso de Harvard.

Depoimento

"Nosso hospital será um túmulo coletivo"

Por Ghassan Abu-Sittah

ARQUIVO PESSOAL



“Algumas vezes, sinto que o mundo se abriu e engoliu Gaza. Esse pesadelo interminável tem se arrastado por três semanas. Mais

de 8 mil pessoas morreram e 2 mil estão sob os escombros. Dos 21 mil feridos, 7 mil são crianças. Do total de mortos, 3.250 são meninos e meninas. O que conhecíamos como vida, em Gaza, parou.

Trabalho no Hospital Al Shifa, na Cidade de Gaza. Cerca de 50 mil pessoas buscaram refúgio no complexo de nosso hospital. Temos capacidade para 600 ou 700 leitos; há mais de 2 mil feridos. Como resultado do tsunami de feridos, tudo está em falta no hospital. Coisas simples, como antissépticos, lâminas e suprimentos médicos.

As pessoas que trabalham no hospital estão esgotadas. Muitos colegas morreram em bombardeios, que ocorrem com uma frequência inexplicável. A habilidade de nos doarmos tem diminuído. Estamos nos aproximando do fim do combustível. Sem eletricidade, o hospital se tornará um túmulo coletivo.”

Cirurgião plástico, médico do Médicos sem Fronteiras no Hospital Al Shifa. Depoimento ao Correio, por telefone

SUCESSÃO NA ESPANHA

Princesa Leonor jura lealdade à Constituição

» ANA PAULA SOUSA
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

O aniversário de 18 anos teve significado mais do que especial para a Princesa Leonor. A herdeira do trono espanhol jurou lealdade à Constituição, em uma cerimônia marcada pelo luxo, no Parlamento da Espanha, em Madri. A partir de agora, Leonor está apta a suceder o pai, o rei Felipe VI, na chefia de Estado. Em um Parlamento composto em sua metade por mulheres, a princesa herdeira assegurou “cumprir fielmente os seus deveres, manter e

fazer cumprir a Constituição e as leis, respeitar os direitos dos cidadãos e das comunidades autônomas e ser fiel ao rei”, com a mão estendida sobre a Carta Magna.

O momento, realizado diante de uma Corte com paridade de gênero inédita entre seus membros, foi um ato simbólico para os avanços das agendas femininas no país. Por regra da Constituição espanhola, que segue a monarquia parlamentar, filhos homens teriam preferência na hierarquia pela coroa. No entanto, Leonor, primogênita de Felipe VI, não tem irmãos homens.

Andrés Ballesteros/AFP



Leonor (D) presta o juramento, observada pelo pai, o rei Felipe VI

Ángel Valencia Sáiz, professor de ciência política da Universidade de Málaga, explicou que a imagem de discrição de Leonor tem contribuído com sua visão positiva ante a opinião pública espanhola. “Apesar do contexto político polarizado, notado pelas ausências de membros de partidos nacionalistas, a trajetória da princesa tem sido parecida com a do pai, o que lhe garantiu um voto de confiança da população”, afirmou ao **Correio**.

Depois do juramento, salvas de palmas em apoio à princesa irromperam no Parlamento. Telões espalhados na Puerta del Sol, no centro

de Madri, e em outros locais da capital transmitiram a cerimônia. Ao contrário do avô, o rei emérito Juan Carlos I, Leonor tem se aproveitado da simpatia em uma nação que debate o tema da monarquia. A oficialização de Leonor é vista como uma possibilidade para novos caminhos, depois do reinado turbulento de Juan Carlos I, que abdicou da coroa em 2014.

Grupos opositores ao regime monárquico, representantes de partidos separatistas catalães, bascos e parte da esquerda radical, que nunca participaram de reuniões com a presença do rei, se ausentaram da cerimônia.